



PAULINE REICHSTUL

DATA E LOCAL DE NASCIMENTO: 18/07/1947, na Tchecoslováquia.

FILIAÇÃO: Ethel Reichstul e Selman Reichstul.

ESTADO CIVIL: casada.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL: psicóloga.

ORGANIZAÇÃO POLÍTICA: Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

DATA E LOCAL DA MORTE: entre 8 e 9/01/1973, no Sítio São Bento, Paulista – PE.

CODINOMES: Silvana Denaro, Silvana.

Relator: Manoel Moraes. Sub-relatores: Humberto Vieira, Gilberto Marques.

BIOGRAFIA

Natural de Praga, Tchecoslováquia, filha de judeus poloneses sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, Pauline viveu pouco tempo no seu país de nascimento. Quando tinha apenas 18 meses, a família mudou-se para Paris, onde permaneceu até 1955, ano em que vieram para o Brasil. Estabeleceram-se em São Paulo (SP), onde ela cursou o Liceu Pasteur. Com 18 anos, viveu por um ano e meio em Israel, onde trabalhou e estudou. Depois de um período na Dinamarca e na França, fixou residência na Suíça, em 1966, primeiramente em Lausanne e depois em Genebra, onde completou o curso de psicologia, em 1970. Nesse período, teve contato com movimentos de estudantes brasileiros e de exilados contra a ditadura militar que se implantara no Brasil em 1964.

Em um primeiro momento, trabalhou na Europa com vários órgãos de divulgação das violações de direitos humanos, torturas e desaparecimentos de pessoas ocorridos no Brasil. Casou-se então com Ladislav Dowbor, dirigente da VPR que havia sido banido do Brasil em junho de 1970, por ocasião do sequestro do embaixador alemão. Separada de Dowbor, ingressou na VPR e foi para Cuba onde recebeu treinamento militar.

Pauline regressou ao Brasil em 1972, em momento de forte repressão política durante o governo Médici, para se engajar na luta armada. Fixou-se em Pernambuco com outros integrantes da organização, com o objetivo de participar da organização da VPR na região.

O sequestro de Jorge Barrett Viedma e de Maria Dilênia Valença

Jorge Barrett Viedma, irmão de Soledad Barrett Viedma, conhecia o cabo Anselmo apenas como Daniel, desconhecendo seus antecedentes, apesar de atualmente referir-se a ele pelo nome verdadeiro. Não fazia parte do grupo organizado da VPR. No entanto, servia frequentemente de “correio” entre o grupo de Pernambuco e o comando da VPR no Chile. Nessa parte de seu depoimento, ele relata o seu sequestro e o de sua mulher:

[...] e o cabo Anselmo me disse: ‘E você vem comigo, que vou te apresentar um amigo que enquanto eu e a Soledad estivermos no Chile ele pode te ajudar em qualquer coisa que acontecer.’ Aí eu falando com ele: ‘O que é que vai acontecer?’ ‘Não vai acontecer nada’, e não sei o quê ... Mas finalmente dobramos à direita umas duas quadras, depois à esquerda uma quadra, depois um pouquinho pra esquerda e entramos numa rua que tinha, como é que se chama? camelôs? cheia de camelôs, então, entre as paredes das casas e a rua estava tudo coberto com toldos, não dava pra ver pra cima, mas entramos ali, tudo era meio estreito assim, entramos num barzinho. A única mesa... ele foi direto pra uma mesinha que tinha duas cadeiras, uma de costas e uma de frente. Tinha um monte de cadeiras mas ele escolheu essa, aí eu tentei sentar olhando pra fora, por uma questão de princípio - nunca fique de costas pra porta. Não tem que ficar. E ele me disse ‘Não me deixa aí, por que vai passar meu amigo.’ OK, primeiro erro, fiquei de costas pra porta: primeira vez que fiquei preso. Ele de repente levantou e disse : ‘ Aí, passou meu amigo, deixa eu chamar ele’. Levantou, saiu, entrou o Fleury. De repente alguém me disse ‘Se se mexer é morto’ eu virei, olhei o revólver e estava o Fleury apontando pra mim.[...] Rasgou minha calça, tentou rasgar a cueca mas não conseguiu, e tirou meu cinto, amarrou minhas mãos com o próprio cinto atrás, e deixou um policial comigo. Me levou pro banheiro, me fez deitar com a boca pra baixo, não tinha vaso sanitário nesse banheiro, era daqueles que são lisos, ele pôs um pé por cima e deixou a porta levemente aberta, assim olhava pra fora. Não sei quanto tempo eu estive ali, mas posso fazer uma estimativa de uns vinte minutos a trinta, trinta e cinco minutos. Depois volta o Fleury e me leva como indo para o prédio da Justiça Militar [...] E, na esquina, estava o veículo militar com um toldinho curto atrás, ou recolhido, não sei, e me mandaram pra dentro né, pegaram e me lançaram pra dentro. Lá fui encapuzado e preso. Daí me levaram até o trabalho da minha mulher, quando chegamos lá já estavam descendo com ela. Também a colocaram conosco e me levaram pra um lugar que eu não conhecia e que tinha um sino, como alguém me disse, que reconheceram aonde ficava o DOI-CODI como sinal de um sino que tocava à mesma hora...

CEMVDHC – Era um relógio.

Jorge Barrett – Sim. Tinha mesmo um sino lá. Cheguei lá fiquei numa cela, minha mulher ficou na cela seguinte, a gente não podia se ver, eu não via ninguém, somente o carcereiro. Eu não sabia absolutamente nada que aconteceu com o resto do pessoal. Logicamente que Eudaldo eu sabia que foi preso; no momento que eu fui preso, que entrei, apareceu um sorriso irônico assim no meu rosto, como dizendo: ‘Finalmente, sim. A prova final. Era real, o cara era policial’.

Depois de detido, Jorge Barrett passa por uma sessão de espancamentos, já sob custódia dos agentes do CODI-DOI:

Então cheguei lá, me lançaram pra baixo e não apanhei mais nesse momento porque tive a habilidade pra cair em pé e não de lado, de cabeça, como fosse, não é? Mas em pé. Aí foi um aluvião, como se fala em espanhol *aluvión*, um monte de coisa ao mesmo tempo, nesse caso eram chutes, socos, eles batiam, não com armas ou com paus, mas sim com socos e chutes, né? Bem, me levaram dessa maneira, até que me deixaram lá na cela. Aí fiquei, sem roupa, lógico, e acho que com... de cueca. Acho que de cueca, depois tiraram a cueca. Então, aí me deixaram tranquilo acho que o dia inteiro.[...]sempre foi só todo mundo batendo em mim. Finalmente foi uma cena na qual me apresentavam Anselmo, como sendo um do grupo que fugiu e que eu sabia onde estava e que eu tinha que levar eles imediatamente, que não sei quê, que eles sabiam que eu tinha que me encontrar com ele num sítio se acontecesse alguma coisa, sempre era isso, e vinha e voltava, chegavam até a cela com fotos dele, do cabo Anselmo, mostravam e diziam: ‘Rapaz, esse aí, você conhece alguém que ele tenha conhecido? Você foi com ele na casa de alguém? Coisa assim, como fazendo um acompanhamento dele[...]

CEMVDHC – E você não escutou nada a respeito do que tinha acontecido com as outras pessoas?

Jorge Barrett – Como eu já disse antes, eu não soube de nada. Eu soube já no dia 23 quando eu fui transferido pro DOPS.[...] Então, vendo que o trabalho deles era um teatro para me demonstrar que ele não era policial, porque eu nunca tomei parte daquele grupo que acusava o cabo Anselmo, eu não sabia de nada, eles falaram comigo, logicamente, e eu pensei: ‘Olha só, são policiais eles’. Mas o que é que eu ia fazer? Eu falei com a minha irmã da minha suspeita, tudo isso, mas ela não falou pro cabo Anselmo. Se tivesse falado eu não estaria aqui, né? Então, vendo isso, eu segui o jogo. Eu segui o jogo. Eu me converti num fervoroso defensor do cabo Anselmo. Daquele militante cabo Anselmo. Daquele companheiro que não tinha que cair preso, que eu não sabia onde estava, que eu não conhecia ninguém, não conhecia nenhuma casa, não sei, não sei, não sei...defendendo ele, tá? Por outro lado, um dos policiais, aquele que eu falei que fazia o papel de bom, tinha o policial bom e tem o outro ruim, né, mas aquele ali é o que você fala com ele e ele tenta tirar informações, dar alguma coisa, assim, ou implantar contra-informação. Aí ele conversava comigo e me disse que eu ia ser solto, que eu só ia ficar alguns dias a mais. Uma semana depois soltaram a minha mulher. Ela foi no trabalho, no trabalho não receberam ela, foi demitida e a mim, não me soltaram. Continuei ali até o dia 22, mas cada vez menos faziam esforços comigo de... perdiam tempo comigo, vamos dizer assim, de vir e fazer teatrinho.’

Durante o período que passou no DOI-CODI do IV Exército, no Recife, Jorge Barrett ouve de um policial a informação de que a operação que os prendeu tinha como prêmio pela cabeça de cada militante treinado em Cuba, um valor em dólares:

Também esse policial bom, não quero deixar passar isso porque serve pra outras coisas, esse policial que fazia papel de bom, ele me dava cigarros, coisinhas, ele tinha que conversar comigo, até como se fosse a fim de algumas coisas, e ele me contou que eles recebiam 45 mil dólares por cada pessoa que esteve em Cuba. Por cada militante que esteve em Cuba, eles recebiam 45 mil dólares. Quando ele falou ‘nós recebemos’ não sei se esse ‘nós’ eram os companheiros dele de nível e de grau, não sei se isso era a quantidade que recebia o Fleury, não sei, isso eu não sei, não falou isso, mas, na época eram 265 mil cruzeiros; na época, 1974, na Argentina e no Uruguai, um FIAT 500, um carro 0KM custava 500 dólares. Imagine a quantidade de dinheiro que era isso naquela época! [...].

CEMVDHC – Na verdade, esses 45 mil eram como se fosse uma recompensa por cada pessoa presa que tivesse ido a Cuba, não é?

Jorge Barrett – Indubitavelmente. Indubitavelmente. O massacre de São Bento foi um intento quase falido da equipe de Fleury, com cabo Anselmo, para juntar muito mais gente com experiência, que estiveram em Cuba, tudo isso, mas somente chegaram aqueles. Somente esses 6, incluindo cabo Anselmo, né, cinco. Por que lá fora estava já...isso quer

dizer, os que não vieram, porque lá fora estava já a dúvida de que ele era policial. Então eu digo, foi um massacre, foi uma coisa horrorosa, mas ia ser muito pior. Ia ser muito pior. Isso era uma caçada econômica, uma ação econômica onde tinham que juntar muitas pessoas de alto valor de recompensa. Então, antes de falar do dinheiro, o que eu estava falando? Ah, sim, falava as coisas boas [...]

Carolina Furtado (MPF) – Certo, então o senhor, do momento em que o senhor foi preso, o senhor relatou que Fleury chegou e já anunciou que o senhor teria que seguir com ele, daí então o senhor nunca mais viu o Anselmo. Depois desse momento o senhor sabe dizer se houve reuniões dos demais membros da VPR pra tratar dessa questão? Por que até então, havia uma suspeita, mas ainda estava em aberto a questão, não é? Havia suspeita de que o Anselmo fosse infiltrado, mas ainda não estava, digamos assim, decidido. Depois do evento na Granja São Bento, houve reuniões da VPR pra tratar disso?

Jorge Barrett – Aqui na região, em Pernambuco?

Carolina Furtado (MPF) – Aqui ou no Brasil. Enfim, mesmo no Chile, no exterior...

Jorge Barrett – Aqui, duvido muito.

Carolina Furtado (MPF) – Não teria mais ninguém?

Jorge Barrett – Não, não. Foi dissolvido. Ficaram simpatizantes...mas não militantes. Simpatizantes como a minha própria esposa, que estava ali, ela queria entrar, mas nunca entrou, nunca funcionou dentro do grupo, nunca assistiu uma reunião. Casos como a família de Jarbas Pereira Marques, a senhora Tércia,...simpatizante. No caso da esposa de José Manoel ela não sabia, não tinha a menor ideia, não sabia nada, não tinha conhecimento nenhum que ele estivesse participando em política, que tinha um grupo político. Ela pensava que todas essas viagens que fazia era pra vender sandálias, sapatos, essas coisas. Sandálias de couro que ele mesmo fazia. Não tenho conhecimento de nenhuma reunião no Recife, Olinda ou na região posterior a isso. No Chile eu sei de duas reuniões. Uma somente da VPR; aparentemente essa reunião foi em finais de março começo de abril. Não encontrei informações de arquivos policiais sobre essa reunião, mas recebi informação de um dos componentes do grupo da VPR no Chile, Aluísio Ferreira Palmar; ele me contou que teve essa reunião e depois de muita discussão e muitos problemas entre as duas facções, por que ficou dividido entre os que acreditavam que Anselmo era infiltrado e os que defendiam, né? Então, já depois do massacre tiveram finalmente uma reunião oficial que foi essa aí, onde decidiram principalmente três coisas: 1) Condenar à morte o suposto José Anselmo dos Santos, o mal chamado cabo, por que não o era, e dizem que também o Fleury. Isso aparece em outro informe que poderia estar se referindo a essa reunião. Mas, foi condenado à morte; Onofre Pinto foi expulso da VPR, repartiram o dinheiro que possuíam, que aparentemente são uns setecentos e pouco mil dólares, segundo informações muito recentes. E, finalmente, ao final da reunião decidiram dissolver a VPR. Aí acabou a VPR como organização e cada qual tomou seu rumo. A razão disso foi que repartiram entre os quatro cabeças do grupo aquele dinheiro.

Carolina Furtado (MPF) – Esse dinheiro até então estava concentrado fisicamente num só lugar ou ele era...

Jorge Barrett – O que eu sabia era que o dinheiro total da VPR principalmente aquele dinheiro de Adhemar de Barros, o que eu soube é que o dinheiro tinha sido repartido em três países e além disso parece ser que também existia uma conta suíça. Esses três países são o Chile, Argélia e França.

Carolina Furtado (MPF) – Certo.

Jorge Barrett – Desconheço o que se passou em outro lugar, somente conheço o que se passou em Santiago do Chile.[...]

CEMVDHC – Carolina, licença, eu não sei se eu posso ajudar em alguma coisa, eu tenho um documento aqui, um informe, dizendo o seguinte: que essa reunião teria sido feita em abril de 73, no Chile, mas que teria sido uma reunião que envolveu a ALN, o PCBR, a VAR- PALMARES, VPR e o MR8. Um chamado Tribunal Revolucionário pra julgar o cabo Anselmo e o delegado de polícia Fleury, entre outros. Aí cita o nome de algumas pessoas aí presentes. Eu posso até passar pra você.

Jorge Barrett – Eu tenho, eu conheço. Isso foi uma segunda reunião. A primeira foi só VPR e essa aí foi já entre os outros grupos. Sim, são duas reuniões.

Carolina Furtado – Certo. Então essa primeira foi no Chile também.

Jorge Barrett – Interna, da VPR. A segunda confirma a condenação e aí sim se fala da condenação à Fleury.

Carolina Furtado – A essa altura então Onofre Pinto já havia sido desligado da VPR.

Jorge Barrett – Sim, ele fazia já um tempinho que ninguém sabia dele. Teve alguém que falou que tinha ouvido que ele foi visto na Argentina. E realmente, um tempinho depois foi visto na Argentina e ele morreu tentando entrar no Brasil, vindo da Argentina. Então é bem possível que tenha ido...que logo no começo tenha ido pra Argentina.

Carolina Furtado (MPF) – Em relação ao que aconteceu depois desse episódio, a última vez em que o senhor teve contato com essas cinco pessoas que tinham entrado no carro, de início, foi no momento em que o senhor foi preso. Depois disso já não soube mais o que havia ocorrido...

Jorge Barrett – Os quatro. Anselmo, Soledad... eles foram mortos, seriam cinco comigo não é?

Carolina Furtado (MPF)- O senhor chegou a cogitar, pensar, imaginar, por que motivo o senhor, naquela ocasião não teve o mesmo destino deles? Por que é que foi preso e não foi levado junto, enfim... por que não aconteceu a mesma coisa?

Jorge Barrett - Bem, isso eu me perguntei. Aluísio Ferreira Palmar perguntou. Mas, não importa os outros, eu mesmo me perguntei por quê. Sempre tentei entender perfeitamente a situação. E surgem várias possibilidades de por quês. Mas por outro lado, o que eu fiz foi fazer favores à minha irmã, fazer favores ao cabo Anselmo e à minha irmã,[...] na última vez, se converteu em uma necessidade de ajudar minha irmã. Mas sempre estive claro que eu não pertencia à VPR [...]. A outra coisa é...vou adicionar mais uma coisa, mas que nunca entendi. É o seguinte: quando...nos últimos dias, acompanhei o cabo Anselmo até a casa do meu sogro.[...] Então estávamos ali, voltando, e eu fiz uma pergunta pra ele, no carro, que eu não sei o que é que eu perguntei por causa que eu fiquei muito surpreso com a reação e isso me fez esquecer o que foi que eu perguntei.[...] Então, fiz uma pergunta que não poderia ser feita se estivesse outra pessoa que não pertencesse a esse grupo, isso eu tenho certeza. A reação imediata do cabo Anselmo quando eu comecei a perguntar foi essa: pôs o dedo em frente à boca e fez assim: sem som! (reproduz gesto de pedido de silêncio) , sinal de ‘faça silêncio’. O som seria; ‘Shhhhh!’ mas não fez som nenhum. Eu fechei a boca, não falei mais nada, ele também não. Chegamos em casa, na butique Mafalda, ahhh não... no apartamento de Rio Doce, quando descemos do carro então eu pergunto pra ele: ‘Que foi? por que você me disse pra fechar a boca?’ E ele me disse ‘Olha, hoje de manhã eu levei o carro pro mecânico e ainda não revistei se não tem uma escuta. Não dei uma olhada, nem revisei.’ É uma situação que também não entendo. Poderia sim, entender, de outro ponto de vista, mas isso é muito especulativo e eu nunca quis... dizer... para pessoas muito...com uma questão de ...pessoas muito [...], que não mexem com coisas ilegais, no caso a senhora, mas eu acho que ele gostava de mim.

Carolina Furtado (MPF) – O senhor acha que ele tentou protegê-lo?

Jorge Barrett – Sim. Então tentou de alguma maneira me proteger. Quem sabe foi por isso também que eu não fui torturado de forma selvagem. Não sei. Poderia ser por isso, não sei. Mas estou mexendo com coisa muito...’ [...]

CEMVDHC – [...], mas há uma outra questão, você tinha forte suspeita que Anselmo era uma policial, você avisou a sua irmã?

Jorge Barrett – Sim. Eu falei com ela.

CEMVDHC – E a reação dela?

Jorge Barrett – Não acredito.

CEMVDHC – Qual era a ação política, ou ações da VPR no Nordeste? Eu vi que você acabou dizendo que este grupo estava se constituindo e que não chegou a nenhuma ação. Não chegou a realizar nenhuma ação. É verdade?

O sequestro de Soledad Barrett Viedma e Pauline Reichstul

Soledad Barrett Viedma e Pauline Reichstul, ainda segundo o depoimento de Jorge Barrett, deixam o automóvel conduzido por Anselmo no centro da cidade. Dirigem-se então a Boa Viagem. Vão até a butique “Chica Boa”, pertencente à sra. Sonja Cavalcanti Lócio que funcionava em dependência de sua residência, na avenida Conselheiro Aguiar, nº 1.934, em Boa Viagem, no Recife.

A proprietária da butique recebia em consignação peças do vestuário feminino bordadas por Soledad. Segundo o depoimento da própria Sonja Cavalcanti, dado em sessão pública à CEMVDHC, em 12 de dezembro de 2013, na sede do Ministério Público Federal de Pernambuco, as duas moças chegaram à sua residência entre 9h e 10h do dia 8 de janeiro de 73. Àquela hora a loja ainda estava fechada. Abriram-na apenas para atender Soledad, que buscava receber o pagamento de algumas peças já vendidas. Alegava que a sua solicitação se devia a uma viagem repentina e necessária, em razão da enfermidade de um parente próximo.

Poucos minutos após ser feito o pagamento, dois veículos estacionaram a alguns metros de onde estavam: um fusca que ficou parado do outro lado da rua e uma veraneio do INCRA, placa oficial 7831, de cor preta, de onde desceram cinco homens. Três deles seguraram Soledad e Pauline com as mãos para trás e os outros dois invadiram a butique, fazendo uma tal revista que levou Sonja a pensar tratar-se de um assalto.

Ao constatarem que não havia outras pessoas na loja, levaram as duas para trás da butique e começaram a espancar Pauline. Sonja Cavalcanti reagiu aos gritos, pedindo ajuda ao marido que estava em outra parte da casa. Com sua aproximação os homens puxaram as armas e disseram: “Não se aproxime! Porque nós somos da polícia”. No entanto, em nenhum momento, foi apresentada uma identificação qualquer. No final, a Veraneio, do INCRA, foi usada para transportar as duas moças sequestradas, com os homens que nela vieram, que eram agentes do DOI-CODI.

Sonja Cavalcanti e o marido comunicaram o incidente à autoridade policial da Delegacia de Boa Viagem e reportaram igualmente os fatos à OAB de Pernambuco. Durante a sua ouvida pela CEMVDHC, foram-lhe apresentadas fotos de agentes de São Paulo e Sonja identificou o delegado Fleury como um dos sequestradores de Pauline Reichstul e Soledad Barrett Viedma.

Pauline Reichstul teve seu corpo sepultado no Cemitério da Várzea, como indigente. Seus restos mortais foram posteriormente retirados por seu irmão e sepultados no Cemitério Israelita de Pernambuco.

Cemitério da Várzea 22.01.91
 Registro dos Cadáveres Inumados no
 Cemitério Público.
 Início da folha na data 09.01.73
 (Casa São José)
 A partir da data de 11.01.73 constam
 os seguintes registros:
 Data: 11.01.73
 N.º Reg. 137 - Identidade desconhecida - M. 28a.
 cart. Pombala. Q 5 L 39 C 10
 N.º Reg 138 - Mariano José do Nascimento - M. 35a.
 cart. Torre. Q 5 L 39 C 11
 N.º Reg 139 - Identidade desconhecida
 cart. Pombala. Obs. (ao lado da página)
 Conforme ofício 026/73 de DEOPS
 e ofício n.º 127/73 do IML, foi
 transferido para São Paulo em 13.01.73
 - Este deve ter sido a Pauline, e seg.
 informações dos funcionários antigos da
 família rezaram o corpo e enterraram
 no cemitério dos russos.

Página do livro de registro do Cemitério da Várzea em que consta a informação sobre Pauline Reichstul

FONTES DOCUMENTAIS DE INVESTIGAÇÃO – PAULINE REICHSTUL

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE DOCUMENTAL | TÍTULO DO DOCUMENTO | ÓRGÃO PRODUTOR DO DOCUMENTO | INFORMAÇÕES RELEVANTES |
|--|--|--|---|
| Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE): DOPS – PE, nº 19849 Fundo 25819 C | Prontuário Individual - Pauline Reichstul | Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DOPS) - Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco (SSP-PE) | Antecedentes, registro geral, informação, correspondência e recortes de jornais. |
| APEJE: DOPS – PE, arquivo 06, gaveta 01, pasta 03 | Prontuário – Coleção Tortura Nunca Mais (presos político torturados 3) | DOPS – SSP-PE | Fotografias de Pauline Reichstul morta. |
| Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE): IML | Perícia Tanatoscópica – Pauline Philipe Reichstul. | Instituto de Medicina Legal de Pernambuco (IML) | Consta no laudo homicídio ocasionado por instrumento perfuro cortante. |
| Arquivo Nacional de Brasília: AC_ ACE_58248_73_001 e AC_ ACE_58248_73_002 | Estimativa sobre o aumento ou diminuição das atividades subversivas. | Centro de Informações da Aeronáutica (Cisa) | - Parte I: PCdoB / Parte II: ALN e outros. - Lista de líderes e militantes do PCdoB presos ou mortos em combate com organismo de segurança e lista de procurados e condenados. |

| | | | |
|--|--|--|---|
| | | | - Consta organograma MOLIPO em dezembro 1972. - Cita Pauline Reichstul e outros. |
| Arquivo Nacional de Brasília: AC_ACE_5771_80_001 | Denúncia de torturas ao gabinete civil da Presidência da República | Serviço Nacional de Informação (SNI) | Faz menção à preparação para exterminar a guerrilha do Araguaia. - OAB denunciando torturas. Manual de torturas e lista de torturadores feitos pelo comitê de solidariedade aos presos políticos no Brasil. Presídio Fernando de Noronha e Casa de Detenção de Recife. Cita Pauline Reichstul e outros. |
| Arquivo Nacional de Brasília: BR_AN_BSB_VAZ_041_0142 | Depoimento de Henri Phillippe Reichstul na OBAN | Ministério da Aeronáutica – Divisão de Segurança | Cita Pauline Reichstul e outros. |
| Arquivo Nacional de Brasília: BR_DFANBSB_AT0_0069_0004 | Processo 0149/96 – vítima: Pauline Phillippe Reichstul | Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos | Solicitação de indenização por parte de Henri Phillippe Reichstul, irmão de Pauline Reichstul, concedida no valor de R\$ 138.300,00 em setembro de 1996. Contém dossiê sobre Pauline Reichstul e dossiê sobre o Massacre da Granja de São Bento. |
| Arquivo Nacional de Brasília: ASP_ACE_4326_80_002 Documento sobre Cabo Anselmo cedido em CDs (1) pelo Arquivo Nacional de Brasília | | | Contém: -Foto de Edgar Aquino, nº 12 na lista, codinome Ivan. -Foto de Anselmo (aparece em duas págs. sob os nºs 43 e 81) - Foto de Pauline Reichstul, nº 72. |

FONTES TESTEMUNHAIS DE INVESTIGAÇÃO – PAULINE REICHSTUL

| IDENTIFICAÇÃO DA FONTE ORAL (LOCAL E DATA) | DEPOENTE (S) | ASSUNTO EM PAUTA |
|--|---------------------------------------|---------------------|
| Sessão reservada, sede da CEMVDHC, Recife-PE, em 05 de outubro de 2012. | Uraniano Mota | Granja de São Bento |
| Sessão pública, Fundação Joaquim Nabuco, Recife-PE, em 18 de outubro 2013. | Alfredo Ferreira Guanáira Amaral | Granja de São Bento |
| Sessão reservada, Fundação Joaquim Nabuco, Recife-PE, em 14 de novembro de 2013. | Jorge Barret | Granja de São Bento |
| Sessão pública, Ministério Público Federal, Recife-PE, em 12 de dezembro 2013. | José de Moura e Fontes Sonja Lócio | Granja de São Bento |
| Sessão pública, ADUFEPE, Recife-PE, em 19 de dezembro de 2013. | Genivalda Silva | Granja de São Bento |
| Sessão reservada | Aluisio Palmar | VPR |
| Sessão reservada | Maria do Carmo Brito Shizuo Osawa | VPR |

| | | |
|---------------------------------|---|---------------------|
| Sessão reservada (várias datas) | D. Nenên/Galego/Paulo/Alves Dias/ Puranci P. de Araújo | Granja de São Bento |
|---------------------------------|---|---------------------|

OBSERVAÇÃO: Mais informações sobre os casos dos “**MORTOS NO MASSACRE DA GRANJA SÃO BENTO**”, consultar Relatório Final, Volume I